

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

PSICOLOGIA CLÍNICA E DA SAÚDE

Papel das características de Personalidade no tipo de Vinculação Amorosa

Andreína da Silva Nunes

M

2021



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**PAPEL DAS CARACTERÍSTICAS DE PERSONALIDADE NO TIPO DE
VINCULAÇÃO AMOROSA**

Andreína da Silva Nunes

Outubro 2021

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pelo Professor Doutor *António Abel Pires* (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

A finalização deste mestrado é o culminar de uma longa caminhada que se iniciou no primeiro estabelecimento de ensino que me acolheu em criança. Ao longo dos muitos anos que a compuseram, o meu desenvolvimento enquanto ser humano e a superação dos objetivos colocados em cada etapa, não teriam sido possíveis sem a contribuição de inúmeras pessoas que me marcaram de forma determinante, e ajudaram a construir-me enquanto pessoa e enquanto estudante.

Sinto-me profundamente grata por todo o percurso escolar e académico que tive o privilégio de traçar e vivenciar, tendo sido altamente enriquecida pelas pessoas e ensinamentos que me foram passados em todo o seu decurso.

Apesar dos meus anos enquanto estudante terem sido preenchidos de interações positivas, e ter sido agraciada por incontáveis pessoas maravilhosas, neste momento sinto necessidade de agradecer particular e especialmente a algumas que foram absolutamente fundamentais nos últimos anos e no meu percurso na Psicologia.

Antes de mais, agradeço a Deus. A minha base, aquele que dá sentido à minha existência, aquele que me sustenta, me estrutura e que me permitiu chegar até este momento. Aquele que desde os 12 anos de idade fez nascer o sonho da Psicologia e me separou para esta área e profissão.

À minha família: mãe, pai, irmã, avó e Noah. Os grandes pilares emocionais da minha vida, os meus maiores e mais profundos sorrisos. A eles devo-lhes o aprender a amar e a ser amada incondicionalmente. Pelo suporte incansável transversal a todas as esferas da minha vida, muito obrigada.

Ao professor Abel, o meu orientador, que acreditou em mim em momentos que me faltaram forças para fazê-lo por mim própria. Que me ensinou que para “caminhar apenas basta colocarmos um pé à frente do outro”. Que me incentivou com a sua compreensão e empatia e me acompanhou de forma consistente e preocupada ao longo de todo o processo. Pela paciência, pela forma genuína e acolhedora com que trata os seus estudantes, muito obrigada.

À Dr^a Ariana e ao Dr^o Alexandre Rei, por me terem, de certa forma, salvo ao longo deste último ano e meio em que me acompanharam, com todo o profissionalismo e cuidado, naquela que foi a fase mais dura da minha vida até ao momento. Ao Dr^o Alexandre, pela serenidade e frontalidade ao lidar com a minha situação, pela calma que as nossas interações me traziam nos momentos de maior turbulência, pela factualidade que devolvia à minha mente atribulada, pela sensação de estar a torcer e a acreditar por e em mim, muito obrigada. À Dr^a Ariana pelo olhar cúmplice e doce, pelas lágrimas fáceis e sem pudores, pela esperança que me fazia vislumbrar em cada encontro, pela sensação de pertença com que sempre me presenteou, e pela paz que me tem ajudado a reconquistar aos poucos, muito obrigada.

À Dr^a Vânia Amaral, a minha referência na Psicologia, a terapeuta que conquistou um dia uma adolescente vulnerável e que a marcou profundamente até aos dias de hoje. Por me ter apresentado com o exemplo de terapeuta que eu almejo um dia ser. Por ter acreditado em mim desde os meus 16 anos e me ter tido que tinha em mim o que não aprenderia nos livros, muito obrigada. Por me ter proporcionado momentos e aprendizagens que recordo até hoje, muito obrigada.

À Dr^a Rosário, por me ter proporcionado uma experiência de estágio curricular extremamente acolhedora desde o primeiro dia, por todo o cuidado, compreensão, preocupação e por todas as aprendizagens, muito obrigada.

Às minhas companheiras neste percurso, Eva, Catarina, Inês T., Carolina, Margarida, Inês D., Tânia, vocês encheram os meus dias de alegria, de olhares cúmplices, sorrisos genuínos, partilhas sinceras que levarei comigo pela vida fora. Vocês tornaram este percurso inesquecível para mim. Obrigada por todo o amor que me deram e que me fizeram nutrir por cada uma de vocês. Levo-vos comigo para sempre.

À Maria, pelas sugestões geniais e pela ajuda paciente. Pelo desejo mútuo de termos partilhado mais, muito obrigada.

Por último, à Martinha e à Ollie, dois arco-íris do meu céu que representaram bonança e esperança no último ano e meio, e me ajudaram com a sua presença em momentos de maior desânimo, muito obrigada.

Resumo

O presente estudo pretendeu compreender a natureza da relação entre os traços de personalidade e os tipos de vinculação. A amostra é constituída por 113 sujeitos de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 20 e os 50 anos de idade. Os instrumentos de recolha de dados utilizados foram o *NEO-Five Factor Inventory (NEO-FFI)* e o *Questionário de Vinculação Amorosa (QVA)*. Estes foram submetidos a procedimentos de fidelidade (consistência interna), revelando valores de alfa de Cronbach adequados. Os resultados apontam no sentido da literatura revista, com os sujeitos com vinculação insegura — desinvestido, preocupado, amedrontado — a apresentarem valores mais elevados de Neuroticismo comparativamente com os sujeitos com Vinculação Segura (embora, neste caso, sem significância estatística, $p = 0,054$), e valores inferiores de Abertura À Experiência ($p = 0,006$), Extroversão ($p = 0.045$) e Amabilidade ($p = 0,021$).

Palavras-chave: NEO-FFI, QVA, Vinculação Amorosa, Personalidade, Traços

Abstract

This study aimed to understand the nature of the relationship between personality traits and attachment styles. The sample consisted of 113 subjects from both genders, aged between 20 and 50 years old. The data collection instruments used were the *NEO-Five Factor Inventory (NEO-FFI)* and the *Romantic Attachment Questionnaire (QVA)*. These were subjected to reliability procedures (internal consistency), revealing adequate Cronbach's alpha values. The results point in the direction of the revised literature, with subjects with insecure attachment presenting higher values of Neuroticism compared to subjects with Secure Attachment (although, in this case, without statistical significance, $p = 0.054$), and lower values of Openness to Experience ($p = 0.006$), Extraversion ($p = 0.045$) and Agreeableness ($p = 0.021$).

Key-words : NEO-FFI, QVA, Romantic Attachment, Personality, Traits

Resumé

La présente étude visait comprendre la nature de la relation entre les traits de personnalité et les types d'attachement. L'échantillon est constitué de 113 sujets des deux sexes, âgés de 20 à 50 ans. Les instruments de collecte de données utilisés étaient l'Inventaire de Personnalité NEO-FFI et le Questionnaire d'Attachement Amoureux (QVA). Ceux-ci ont été soumis à des procédures de fidélité (cohérence interne), révélant des valeurs alpha de Cronbach adéquates. Les résultats vont dans le sens de la littérature analysée, avec des sujets à attachement inséure — désinvestis, inquiets, effrayés — présentant des valeurs de Névrosisme plus élevées par rapport aux sujets avec attachement sécure (bien que, dans ce cas, sans signification statistique, $p = 0,054$), et des valeurs inférieures d'Ouverture à l'expérience ($p = 0,006$), d'Extraversion ($p = 0,045$) et d'Agréabilité ($p = 0,021$).

Mots clés : NEO-FFI, QVA, Attachement amoureux, Personnalité, Traits.

Índice

Introdução	1
1.1. Homem, o animal social	1
1.2. Teoria da Vinculação, as lentes da realidade intra e interpessoal	1
1.2.1. Relação amorosa, o principal palco da vinculação adulta	2
1.2.2. Configurações e orientações vinculativas	3
1.2.3. Teoria do Esquema	6
1.3. Personalidade e os “Big Five”	7
1.4. Vinculação e Personalidade	9
1.5. Estudo Empírico	12
Método	13
2.1. Metodologia utilizada	13
2.2. Participantes	13
2.3. Procedimentos de recolha de dados	14
2.3.1. Questionário Sociodemográfico	14
2.3.2. NEO-FFI — NEO-Five Factor Inventory	15
2.3.4. QVA — Questionário de Vinculação Amorosa	15
2.4. Procedimentos de análise de dados	16
Resultados	17
Discussão	26
Conclusão	31
Referências Bibliográficas	33
Anexos	37

Anexo I Consentimento informado	37
Anexo II Questionário Sociodemográfico	38
Anexo III Autorização de utilização do NEO-FFI	39
Anexo IV Autorização de utilização do QVA	40

Introdução

1.1. *Homem, o animal social*

Uma das características distintivas do ser humano é a sua sociabilidade por natureza (Aristóteles, 2003). De facto, atentando para concepções filosóficas da Grécia Antiga, o Homem é entendido, desde a antiguidade, enquanto ser detentor de um carácter social intrínseco, fundamental à consumação progressiva da sua humanidade (Aristóteles, 2003).

Esta dependência face ao outro é corroborada por teóricos da vinculação, ao afirmarem ser na relação intersubjetiva que nasce e é construído o conhecimento do *self*, do mundo e dos outros, numa simultânea elaboração de grelhas interpretativas dinâmicas que conferem inteligibilidade à experiência pessoal de cada indivíduo, oriundas da multiplicidade de trocas sociais com figuras significativas, ao longo de todo o ciclo vital (Costa, 2005). A linha conceptual da hierarquização de Maslow remete, semelhantemente, para esta procura adaptativa das relações como meios de satisfação de uma série de necessidades fisiológicas, afetivas, de segurança e de auto-actualização (Alavi, Alahdad, & Shafeq, 2013).

Deste modo, reconhecendo a dependência do Homem do seu semelhante, e sendo a relação a principal fonte de ligação entre sujeitos, evidencia-se a relevância de um debruçamento intencional sobre aquela que é considerada a relação vinculativa de excelência durante a idade adulta: o relacionamento amoroso; analisando, igualmente, as formas de vinculação que se estabelecem no contexto do mesmo e mediante as mais diversas características de personalidade dos seus intervenientes.

1.2. *Teoria da Vinculação, as lentes da realidade intra e interpessoal*

A Teoria da Vinculação sistematiza a necessidade humana universal de proximidade, pelo estabelecimento de vínculos emocionais seguros, provedores de conforto e proteção perante situações de perigo e ameaça (Bowlby, 1982).

Vínculos como os descritos, requerem interações de qualidade com os cuidadores primários durante a infância, critério que, não existindo de forma consistente, coloca em causa a sua formação (Guzmán-González, Rivera-Ottenberger & Brassard, 2020). Desta feita, a qualidade da vinculação precoce é estritamente dependente da consideração, pela criança, do cuidador primário enquanto fonte de segurança (Bartholomew & Horowitz, 1991).

A qualidade das interações com as figuras de vinculação de tenra idade, exerce impacto ao nível das representações internas do *self* e dos outros — *modelos internos dinâmicos* —, que, por sua vez, modelam o afeto, a cognição e o comportamento subsequentes (Guzmán-González et al., 2020).

A relação que se estabelece entre a criança e os cuidadores primários é então concetualizada enquanto vínculo fundamental e estruturante, a partir do qual a criança desenvolve crenças e expetativas acerca do *self*, dos outros e do mundo (Bowlby, 1984) que permanecem operacionais ao longo de todo o percurso de vida (Hazan and Shaver, 1987), afetando a qualidade das relações de proximidade adjacentes (Mikulincer & Shaver, 2016).

O comportamento vincutivo, inerente ao ser humano e presente em todas as fases do ciclo vital, distingue-se das demais formas afiliativas, nomeadamente, pela fonte de segurança proporcionada mediante a proximidade a alguém consistentemente responsivo (Ribeiro, 2010).

1.2.1. Relação amorosa, o principal palco da vinculação adulta

A teoria da vinculação de Bowlby (1982) focava-se, essencialmente, no relacionamento desenvolvido entre a criança e os seus cuidadores, a fim de garantir a adaptação e sobrevivência da mesma.

Hazan e Shaver (1987) — pioneiros na exploração empírica da possibilidade de o amor romântico ser perspectivado a partir da teoria da vinculação — aplicando os princípios de base da teoria em questão aos relacionamentos íntimos da idade adulta, concluíram que esta poderia ser estendida aos relacionamentos românticos, ampliando o

conhecimento sobre a vinculação à idade adulta e apresentando, posteriormente, o conceito de *vinculação amorosa*.

A prioridade dos autores consistia, efetivamente, em averiguar em que medida existiria correspondência entre os conteúdos organizadores de diferenças individuais identificados nas crianças e os estabelecidos no domínio das relações amorosas na idade adulta (Matos, Barbosa & Costa, 2001). Para tal, testariam a hipótese de a vinculação na infância e o amor romântico serem expressões de um processo homólogo subjacente com dinâmicas em comum (Matos et al., 2001).

De facto, a vinculação amorosa é um processo funcionalmente semelhante e aproximado ao que se estabelece na vinculação primária criança-cuidador (Hazan & Shaver, 1987). A transição para a vida adulta atenua a força da vinculação ao cuidador primário, permutando a sua relevância ao vínculo estabelecido na relação romântica (Seiffge-Krenke, 2003).

A função de base segura desempenhada pelos pais durante o crescimento do indivíduo, passa a ser assegurada pelo parceiro amoroso, que garante o sentimento de segurança, semelhantemente, pela sua responsividade e consistência (Ribeiro, 2010).

A dinâmica assimétrica criança-cuidador, dá lugar a um relacionamento simétrico pela reciprocidade que se estabelece no sistema de vinculação na conjugalidade, passando cada elemento da díade a ser, simultaneamente, figura vinculada e figura de vinculação um do outro (Ribeiro, 2010).

1.2.2. Configurações e orientações vinculativas

Através de um procedimento laboratorial estruturado, tendo por base as respostas das crianças à separação dos seus cuidadores, Ainsworth identificou três padrões distintos de vinculação: *seguro*, *ansioso-ambivalente* e *evitante* (Bartholomew & Horowitz, 1991).

As crianças enquadradas no padrão *seguro* recebiam os seus cuidadores quando estes regressavam, e em caso de angústia, procuravam proximidade, sendo facilmente reconfortados; as crianças *ansiosas-ambivalentes*, por sua vez, apresentavam um comportamento ambivalente perante os cuidadores, acompanhado de uma incapacidade ou relutância em ser reconfortados aquando o reencontro; finalizando, as crianças inseridas na

classificação *evitante*, como o nome indica, evitavam proximidade ou interação aquando o reencontro com o cuidador (Bartholomew & Horowitz, 1991).

Ora, partindo das premissas de Bowlby a respeito dos modelos internos dinâmicos e o sistema de classificação de vinculação infantil de Ainsworth (Ainsworth, Blehar & Waters, 1978), Hazan e Shaver, como já mencionado, procuraram investigar a possibilidade de o amor romântico ser perspectivado a partir da teoria da vinculação, dedicando-se ao desenvolvimento de um sistema de classificação de vinculação aplicado aos relacionamentos românticos adultos (Matos et al., 2001).

Os resultados do seu estudo apontaram para a existência de padrões de vinculação amorosa semelhantes aos encontrados nas crianças, quer na sua organização qualitativa, quer na sua distribuição, tendo sido classificados como *seguro*, *preocupado* e *evitante* ((Matos et al., 2001; Busuito, Huth-Bocks, & Puro, 2014).

Assim sendo, e em função da sua pesquisa, adultos *seguros* apresentariam uma autoestima consolidada e um sentimento de confiança e segurança face aos outros, traduzidos na experiência de níveis residuais de ansiedade na intimidade emocional (Busuito et al., 2014). Adultos *preocupados*, por sua vez, experimentariam elevadas quantidades de ansiedade nos relacionamentos, pautados por uma simultânea dependência excessiva dos parceiros (Busuito et al., 2014). Por último, adultos *evitantes*, apresentariam uma ávida necessidade de autossuficiência, pautada pela confiança intrapessoal e por desconforto e relutância evidentes na associação íntima com outrem (Mikulincer & Shaver, 2009).

O sistema de classificação apresentado, foi criticado, porém, posteriormente por Bartholomew e Horowitz (1991), alegando que a única categoria de evitamento existente seria insuficiente para capturar com precisão os padrões adultos de evitamento, propondo, então, a consideração de dois grupos distintos de indivíduos evitantes (Matos et al., 2001): um, semelhante ao estilo evitante de Hazan e Shaver, é caracterizado pelo desejo de intimidade, simultâneo ao medo antecipado da rejeição; o outro, é defensivo, pautado pela autossuficiência e desvalorização das relações de intimidade (Matos et al., 2001).

Assim sendo, o modelo resultante gira em torno da interseção da positividade ou negatividade dos modelos internos dinâmicos do *self* e dos outros — representativas das expectativas gerais no que respeita ao valor do *self* e da acessibilidade e disponibilidade dos

outros (Matos et al., 2001) —, originando, conseqüentemente, quatro dimensões distintas (Bartholomew & Horowitz, 1991):

- **seguro** — modelos positivos tanto do *self* como do outro — indivíduos neste grupo consideram-se valiosos e dignos de ser amados, ao passo que percebem os outros como geralmente acolhedores e responsivos;

- **preocupado** — modelo negativo do *self*, positivo do outro — neste grupo inserem-se adultos com uma visão positiva dos outros que vem contrastar com uma autopercepção negativa, considerando-se indignos e não merecedores;

- **amedrontado** — modelo negativo tanto do *self* como do outro — sujeitos com este padrão apresentam uma convicção de indignidade a seu respeito, ao mesmo tempo que acreditam existir nos outros uma predisposição para a rejeição, não sendo, pois, confiáveis;

- **desinvestido** — modelo positivo do *self*, modelo negativo do outro — indivíduos desinvestidos apresentam considerações muito positivas a seu respeito e uma predisposição negativa face aos demais. Este tipo de sujeitos protegem-se contra a desilusão evitando desenvolver relacionamentos de maior proximidade e mantendo um senso robusto de independência e de invulnerabilidade.

Evitamento de intimidade refere-se ao evitamento do contato direto com os outros em função de expectativas negativas relativamente às conseqüências desse mesmo contato (Bartholomew & Horowitz, 1991). Os padrões *desinvestido* e *amedrontado* assemelham-se na medida em que ambos são pautados por este evitamento da intimidade; diferindo, contudo, na necessidade de aceitação dos outros para manutenção de uma autoestima positiva, presente nos *amedrontados*, mas ausente nos *desinvestidos* (Bartholomew & Horowitz, 1991).

Semelhantemente, os estilos *preocupado* e *amedrontado* aproximam-se no sentido em que ambos exibem forte dependência dos outros para manutenção de uma autoestima positiva, mas diferem na sua prontidão para se envolver em relacionamentos íntimos (Bartholomew & Horowitz, 1991). Enquanto os *preocupados* aproximam-se dos outros na tentativa de satisfazer as suas necessidades de dependência, os *amedrontados* evitam a proximidade para minimizar eventuais desilusões (Bartholomew & Horowitz, 1991).

Os resultados dos estudos de Bartholomew & Horowitz (1991) evidenciaram que os dois grupos com um modelo negativo do *self* — *preocupado* e *amedrontado* —

apresentaram respostas semelhantes em medidas de insegurança pessoal, mas divergiam nas medidas indicativas de prontidão para tornar-se íntimo e confiar em outras pessoas.

Por sua vez, os dois grupos definidos como evitativos de relacionamentos íntimos — *amedrontado* e *desinvestido* — evidenciaram as dificuldades esperadas em aproximar-se e confiar nos outros, distanciando-se significativamente em medidas que refletiam um senso de autoestima internalizado (Bartholomew & Horowitz, 1991).

Apenas o estilo *amedrontado* foi consistentemente associado à insegurança social e falta de assertividade. Deste modo, a suposição comum de que os indivíduos que mantêm distância interpessoal são movidos pelo medo da intimidade pareceria uma afirmação extremamente reducionista e não contemplativa de todas as possibilidades (Bartholomew & Horowitz, 1991).

1.2.3. Teoria do Esquema

A propósito do conceito de “*modelos internos dinâmicos*”, entende-se pertinente proceder a um enquadramento do mesmo à luz de uma abordagem da Psicologia Cognitiva, para problematização e discussão futuras.

A *Teoria do Esquema* postula que o ser humano elabora esquemas aquando o contacto com realidades novas (Acklin, 1994). Estes esquemas são atualizados mediante a experiência ao longo de todo o percurso existencial, condicionando a nossa maior ou menor eficácia de ação sobre o ambiente (Acklin, 1994).

Esquemas são estruturas de conhecimento dinâmicas internalizadas que organizam a percepção, a cognição, a emoção e a ação nas interações sociais, desenvolvendo-se através da combinação da experiência atual com a informação pré-existente na memória, e sendo ativados por pistas situacionais (Stern, 1985; Norman, 1986; Baldwin, 1992; Acklin, 1994).

Estas estruturas de informação compõem “*modelos de trabalho*” atualizados continuamente, podendo afigurar-se mais ou menos adaptativos para o indivíduo (Acklin, 1994). De facto, os esquemas podem ser progressivos, adaptativos e maduros, ou regressivos, desadaptativos e imaturos (Acklin, 1994).

Enquanto maduros, eles tendem a ser precisos e baseados na realidade empírica (Acklin, 1994). Os imaturos ou regressivos, podem refletir associações, representações e experiências emocionais de situações e estágios de desenvolvimento anteriores (Acklin, 1994).

Ora, o conceito de “*modelos internos dinâmicos*” em função da teoria em análise pode entender-se como um conjunto de esquemas acerca do *self*, do mundo e do *self* no mundo que permitem dar inteligibilidade à realidade intra e interpessoal.

Assim sendo, se os modelos internos dinâmicos nada mais são do que esquemas, podemos entender a vinculação adulta como a ativação, em casal, de esquemas adquiridos na infância acerca do *eu* ser ou não merecedor de amor, e do outro ser ou não responsivo e digno de confiança.

Os esquemas servem uma função adaptativa na medida em que visam diminuir a ambiguidade do desconhecido e tornar inteligível as realidades com que o indivíduo contacta (Acklin, 1994).

Ora, as relações interpessoais são inicialmente contextos ambíguos onde os esquemas são projetados a fim de preencher a ambiguidade que os constituem. Atentando para os protótipos da Teoria da Vinculação, os resultados dessa projeção podem ser distintos.

Se o indivíduo for Seguro, isto é, detentor à priori de esquemas positivos acerca de si mesmo e do outro, este irá antecipar interações positivas;

Se o indivíduo for Inseguro, que se traduz na pré-existência de esquemas, como visto anteriormente, desadaptativos, regressivos e pessimistas acerca da interação com o outro, irão ser antecipados resultados negativos, o que, por sua vez, vai tendo impacto ao nível das características de personalidade, tornando o indivíduo menos aberto à experiência, menos amável e mais neurótico.

1.3. Personalidade e os “*Big Five*”

De acordo com o *Dictionary of Personality and Social Psychology* (Harré & Lamb, 1986), a personalidade refere-se a “*padrões de resposta persistentes de um indivíduo*

através de uma variedade de situações, [compreendendo] padrões de ação relativamente estáveis, muitas vezes chamados traços, tendências disposicionais, motivações, atitudes e crenças que estão combinadas numa auto-estrutura mais ou menos integrada” (Harré & Lamb, 1986)

Ao longo dos anos foram desenvolvidas várias abordagens de investigação sobre a personalidade, nomeadamente as abordagens psicodinâmica, personológica, empírica, interpessoal e multivariada (Wiggins & Trobst, 1998).

A perspetiva multivariada, de particular relevância para o modelo adotado na presente investigação, focou-se na aplicação da análise fatorial ao estudo da personalidade, crendo que esta seria composta por vários fatores, correspondentes a traços — características estáveis e duradouras (Wiggins & Trobst, 1998).

Vários autores dedicaram-se ao estudo da personalidade sob esta perspetiva, em busca do número de fatores que a constituiriam. Dos dezasseis fatores de Cattell, aos três de Eysenck, é com os trabalhos de Goldberg que foi alcançado um maior consenso, concluindo-se, pois, que cinco seria o número de fatores sob os quais estaria alicerçada toda a arquitetura da personalidade (Wiggins & Trobst, 1998).

O Modelo dos *Big Five* propõe uma conceitualização da personalidade em termos de traços, enquanto padrões consistentes de comportamento, pensamento e experiência afetiva individual (Pervin, Cervone, & John, 2005), distinguindo, assim, cinco dimensões distintas e transversais à personalidade dos sujeitos — *Neuroticismo, Extroversão, Amabilidade, Abertura à Experiência e Conscienciosidade* —, cada uma das quais subdivididas em seis facetas específicas (Costa & McCrae, 2000).

O *Neuroticismo* confere informações acerca da instabilidade emocional do indivíduo, focando-se na potencial propensão para a experiência de afetos negativos (Costa & McCrae, 2000). Geralmente, indivíduos com pontuações elevadas no respetivo domínio são sujeitos nervosos, inseguros e com fraco sentido de agência (Costa & McCrae, 2000). A *Extroversão*, contrariamente, pautando-se pelo optimismo, pela sociabilidade e afetividade daqueles que se posicionam nos percentis superiores quando avaliados, representa indivíduos alegres, energéticos e conversadores (Costa & McCrae, 2000).

Sujeitos com pontuações elevadas no domínio *Amabilidade* tratar-se-ão de pessoas dotadas de características no espectro do altruísmo, benevolência, hospitalidade e

compaixão (Costa & McCrae, 2000). A *Abertura à Experiência*, por sua vez, correlaciona-se fortemente com componentes da inteligência associados à criatividade, nomeadamente, o pensamento divergente (Costa & McCrae, 2000). Pontuações altas neste domínio são sinónimo de curiosidade, criatividade, vanguardismo e ecletismo quanto aos interesses pessoais (Costa & McCrae, 2000).

Por último, a *Conscienciosidade* contempla indivíduos orientados para a tarefa, organizados, responsáveis e com boas capacidades de controlo inibitório facilitadoras do trabalho em prol de objetivos determinados (Costa & McCrae, 2000).

1.4. Vinculação e Personalidade

O estilo de vinculação de um indivíduo tem grande importância no desenvolvimento da sua personalidade. Os estilos de vinculação são moldados pelas primeiras relações que a criança estabelece com seu ambiente, continuando durante a adolescência e influenciando no desenvolvimento da personalidade e das relações interpessoais (Ainsworth, 1989; Hamilton, 2000; Sroufe, 1979, como citado em Deniz, 2011).

Os sujeitos e o contexto social são sistemas reciprocamente interativos, sendo que este contribui para o desenvolvimento das estruturas da personalidade. As diferenças individuais nos modelos internos dinâmicos e nas relações de vinculação influenciam o desenvolvimento da personalidade e a adaptação psicossocial do sujeito em virtude das expectativas que o mesmo tem sobre si próprio e sobre si na relação com os outros (Deniz, 2011)

A investigação efetuada no âmbito das variáveis-base deste estudo — vinculação e personalidade — permitiu atestar as diversas relações estabelecidas entre ambas, validando, deste modo, a legitimidade da presente temática.

De facto, pesquisas efetuadas demonstram que os estilos de vinculação predizem os traços de personalidade (Deniz, 2011).

Evidência com base na terminologia de Hazan e Shaver (1987), demonstrou que indivíduos inseguros, tanto evitantes como preocupados, parecem obter pontuações

elevadas em medidas de depressão e ansiedade, comparativamente, a indivíduos seguros (Hazan and Shaver, 1990).

Shaver e Brennan (1992) verificaram que sujeitos seguros eram menos neuróticos e mais extrovertidos do que sujeitos preocupados, e mais amáveis do que os evitantes. Sujeitos evitantes apresentaram-se menos abertos aos sentimentos, enquanto que sujeitos preocupados demonstraram-se menos abertos aos valores (Shaver & Brennan, 1992).

Num estudo de larga escala com 8000 participantes, Nofle e Shaver (2006) encontraram diversas correlações entre traços de personalidade e os vários estilos de vinculação. De facto, os dados obtidos permitiram verificar, essencialmente, uma forte correlação positiva entre a Vinculação Preocupada e o Neuroticismo ($r = .42$), numa simultânea associação negativa com Extroversão, Amabilidade e Conscienciosidade ($r = -.15, -.07, -.19$, e $-.23$, respetivamente) (Nofle & Shaver, 2006).

Semelhantemente, a Vinculação Evitante correlacionou-se positivamente com o Neuroticismo ($r=.14$) e negativamente com os restantes traços de personalidade, Extroversão, Abertura à Experiência, Amabilidade e Conscienciosidade ($r=-.21, -.09, -.22, -.20$, respetivamente) (Nofle & Shaver, 2006).

Tanto a Vinculação Preocupada como a Vinculação Evitante aparecem correlacionadas positivamente com o Neuroticismo ao longo da literatura, correlações concetualmente plausíveis e, de certo modo, previsíveis (Nofle & Shaver, 2006).

Efetivamente, tal como o Neuroticismo, a Vinculação Preocupada e Evitante são ambas formas de insegurança (Nofle & Shaver, 2006). A Vinculação Preocupada está especialmente relacionada com depressão, vulnerabilidade e com as facetas de ansiedade do Neuroticismo, o que se alinha com resultados existentes sugerindo que a Vinculação Preocupada é desenvolvida quando o indivíduo se sente amado de forma inadequada e com escasso controlo sobre eventos interpessoais (Nofle & Shaver, 2006).

De facto, a Vinculação Preocupada aparece fortemente correlacionada com a faceta *Depressão* do Neuroticismo (Shaver & Brennan, 1992; Nofle & Shaver, 2006), o que se alinha com a concetualização do modelo negativo do *self*, dado que, como veiculado por teorias cognitivas da depressão, a autoimagem negativa é um aspeto central da mesma (Beck, Steer, & Epstein, 1992).

No estudo de Nofle & Shaver (2006), os sujeitos evitantes mostravam, efetivamente, sinais de insegurança, tendo pontuações elevadas nas facetas *Depressão* e *Vulnerabilidade* do Neuroticismo, ao mesmo passo que obtinham pontuações particularmente baixas nos domínios da Amabilidade — com especial ênfase às facetas *Confiança* e *Altruísmo* — e da Extroversão — facetas *Emoções Positivas* e *Acolhimento Caloroso*.

Igualmente, a Vinculação Evitante, que a investigação, tanto em crianças como em adultos, encontra relacionada com a supressão de emoção e memórias emocionais (e.g., Mikulincer & Arad, 1999; Mikulincer, Dolev, & Shaver, 2004, com citado em Nofle & Shaver, 2006), apareceu associada negativa e significativamente com a Abertura aos Sentimentos.

Na sua investigação, Deniz (2011), utilizando a terminologia de Bartholomew & Horowitz (1991) verificou que o estilo de vinculação amedrontado correlacionou-se negativamente com a Extroversão; o estilo de vinculação desinvestido, por sua vez, correlacionou-se positivamente com a Abertura à Experiência e negativamente com a Amabilidade; o estilo de vinculação seguro correlacionou-se negativamente com Neuroticismo, e positivamente com Extroversão, Abertura à Experiência, Amabilidade e Conscienciosidade; por último, o estilo preocupado correlacionou-se negativamente com a Conscienciosidade.

1.5. Estudo Empírico

O objetivo geral deste estudo é perceber a relação bidirecional que se estabelece entre determinados traços de personalidade e as várias tipologias de vinculação, percebendo em que medida é que ambos se influenciam, ou não, mutuamente, discriminando as variáveis proeminentes nesta relação.

Tendo por base a revisão da literatura e evidência científica apresentada, formularam-se as seguintes hipóteses:

Hipótese 1. *Indivíduos com maiores níveis de Neuroticismo apresentam uma Vinculação Insegura: Amedrontada, Preocupada ou Desinvestida*

Hipótese 2. *Indivíduos Amedrontados, Preocupados ou Desinvestidos têm menores níveis Abertura à Experiência*

Hipótese 3. *Indivíduos com Vinculação Amorosa Segura apresentam níveis mais elevados de Extroversão.*

Hipótese 4. *Indivíduos com Vinculação Amorosa Segura apresentam níveis mais elevados de Amabilidade*

Hipótese 5. *O Neuroticismo correlaciona-se negativamente com medidas que avaliam Confiança, e positivamente com a Dependência e Ambivalência*

Hipótese 6. *A Extroversão correlaciona-se positivamente com a Confiança, e negativamente com a Dependência e Ambivalência*

Método

2.1. Metodologia utilizada

A presente investigação tem uma natureza quantitativa.

A seleção dos participantes foi feita por conveniência, através da facultação de um link de acesso ao formulário online de resposta nas redes sociais pessoais — Instagram e Facebook —, obedecendo aos seguintes critérios de inclusão: a) saber ler e compreender português; b) ter entre 20 a 50 anos; c) encontrar-se num relacionamento amoroso.

Antes de iniciar o processo de resposta propriamente dita, os participantes foram confrontados com a leitura de um pequeno texto (Anexo I) de contextualização da investigação, assim como o respetivo consentimento informado, continuando a participação com o conhecimento da confidencialidade dos seus dados, da garantia do anonimato e da natureza voluntária e não vinculativa em toda a progressão do questionário.

2.2. Participantes

A amostra deste estudo é constituída por 113 indivíduos de nacionalidade portuguesa, residentes um pouco por todo o país, sendo, no entanto, predominantes sujeitos do distrito do Porto, Aveiro e Coimbra (31.2, 14.7% e 12.8%, respetivamente).

Quando ao género, 95 (84.1%) sujeitos são do género feminino, e 18 (15.9%) do género masculino. Quanto à orientação sexual, 108 (95.6%) dos indivíduos reportaram ser heterossexuais, 4 (3.5%) bissexuais e 1 (0.9%) homossexual.

Tabela 1. Género e Orientação Sexual da amostra

Distribuição do Género e Orientação Sexual da amostra

N	Homens	Mulheres	Heterossexuais	Bissexuais	Homossexuais
113	18	95	108	4	1

A média de idades é de 28.14 anos com um desvio padrão de 8.408 — idade mínima de 20 anos, idade máxima de 50 anos.

Tabela 2. Idade da amostra

<i>Estatísticas Descritivas</i>					
	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-padrão
Idade	113	20	50	28,14	8,408

No que concerne às habilitações literárias, 60.2% dos sujeitos são licenciados, 20.4% completaram a escolaridade até ao 12º ano, e 15% concluíram, já, um mestrado. As profissões reportadas são diversas, sendo proeminentes os estudantes (34%).

2.3. Procedimentos de recolha de dados

A fim de recolher os dados, recorreu-se à criação de um formulário Google Forms, onde constaram três secções, cada uma delas com medidas de autorrelato: a primeira (de autoria própria) composta por perguntas de carácter autobiográfico; a segunda constituída pelos 60 itens correspondentes ao instrumento de avaliação da personalidade, NEO-FFI; a terceira e última, composta pelos 25 itens do QVA — Questionário de Vinculação Amorosa.

2.3.1. Questionário Sociodemográfico

O Questionário Sociodemográfico (Anexo II) foi elaborado especificamente para a presente investigação, para fins de caracterização da amostra e para análise de variáveis sociodemográficas potencialmente relevantes para a temática em causa.

Este questionário angaria informações sobre: Idade, Naturalidade, Nacionalidade, Distrito de Residência, Género, Orientação Sexual, Habilitações literárias e Profissão.

2.3.2. NEO-FFI — NEO-Five Factor Inventory

O NEO-FFI é um instrumento de avaliação da Personalidade constituído por 60 itens, respondidos em escalas tipo Likert de cinco pontos — “Discordo Fortemente” (0), “Discordo” (1), “Neutro” (2), “Concordo” (3), “Concordo Fortemente (4)” — sendo que, quanto maior a pontuação, maior a concordância do sujeito com o item pretendido.

O instrumento em questão, versão portuguesa do NEO-Five Factor Inventory (NEO-FFI, Magalhães et al., 2014), é uma versão reduzida do Revised NEO Personality Inventory que propõe mensurar os cinco domínios da personalidade segundo o modelo dos cinco fatores — Neuroticismo, Extroversão, Amabilidade, Abertura à Experiência e Conscienciosidade (e.g., McCrae & Costa, 2000).

Analisando a consistência interna do NEO-FFI no presente estudo, observaram-se valores de alfa de Cronbach muito satisfatórios: Neuroticismo ($\alpha=.849$); Extroversão ($\alpha=.702$); Amabilidade ($\alpha=.739$); Abertura à Experiência ($\alpha=.741$); Conscienciosidade ($\alpha=.844$).

2.3.4. QVA — Questionário de Vinculação Amorosa

O QVA (Matos, Cabral & Costa, 2008) é uma medida de avaliação da Vinculação Amorosa composto por 25 itens respondidos em escalas tipo Likert de seis pontos — “Discordo Totalmente” (1), “Discordo” (2), “Discordo Moderadamente” (3), “Concordo Moderadamente” (4), “Concordo” (5) “Concordo Totalmente” (6) — sendo que, à semelhança do instrumento anterior, quanto maior a pontuação, maior a concordância do sujeito com o item em questão.

O instrumento em análise confere informações respeitantes a quatro elementos: Confiança, Dependência, Evitamento e Ambivalência.

O fator “*Confiança*” visa a avaliação das percepções do sujeito no que diz respeito à responsividade e à sensibilidade do companheiro para satisfazer as necessidades do sujeito, em que medida este é percebido enquanto fonte de conforto e de apoio, constituindo-se como base segura. A “*Dependência*” avalia a necessidade de proximidade física e emocional, a ansiedade de separação e o medo da perda. O “*Evitamento*”, por sua

vez, é constituído por itens que traduzem a centração do sujeito na sua própria capacidade de resolução de conflitos e o papel secundário do companheiro amoroso na saciação das próprias necessidade de vinculação. A componente “*Ambivalência*” revela a insegurança do indivíduo manifesta através de irritabilidade face a situações imprevisíveis, assim como na dúvida relativamente ao papel que desempenha enquanto figura amorosa, bem como nas suas próprias emoções face ao parceiro (Matos et al., 2001).

Analisando a consistência interna do QVA no presente estudo, observaram-se valores de alfa de Cronbach bastante satisfatórios nas várias componentes: Confiança ($\alpha=.871$); Dependência ($\alpha=.759$); Evitamento ($\alpha=.725$); Ambivalência ($\alpha=.831$)

2.4. Procedimentos de análise de dados

A análise estatística foi realizada através do *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 25, com um nível de significância α definido a 0.05. As variáveis contínuas foram representadas sob a forma de média e desvio-padrão e as variáveis categóricas através da sua frequência relativa (%) e absoluta (n).

A normalidade da distribuição das variáveis contínuas foi analisada com recurso ao teste *Kolmogorov- Smirnov*. Dada a elevada dimensão da amostra ($n>30$), o Teorema do Limite Central permite inferir que as distribuições das variáveis em estudo tendem a aproximar-se da distribuição normal, pelo que se considerou o pressuposto de normalidade verificado para aplicação de procedimentos paramétricos.

A determinação dos quatro padrões de vinculação de acordo com o modelo proposto por *Bartholomew* (seguro, preocupado, desinvestido e amedrontado) foi realizada através da análise de *clusters* (*K-Means* e *Simple Euclidian Distance*). Os padrões de vinculação resultantes foram validados através do teste *ANOVA*. Os testes *t-student* e *ANOVA* permitiram estudar a existência de diferenças significativas relativamente aos traços de personalidade entre diferentes padrões de vinculação amorosa.

Resultados

Este estudo incluiu um total de 113 participantes, a maior parte do sexo feminino (84,1%; n = 95) e com uma idade média de 28,1 e desvio-padrão de 8,4 anos. Quase todos eram heterossexuais (95,6%; n= 108) e a maioria tinha uma licenciatura (60,2%; n= 68). As características sociodemográficas da amostra estão representadas na Tabela 4.

Tabela 4. Caracterização sociodemográfica da amostra

Variável, % (N)	(N= 113)
Idade (anos)	28,1±8,4
Género	
Feminino	84,1 (95)
Masculino	15,9 (18)
Orientação Sexual	
Heterossexual	95,6 (108)
Homossexual	0,9 (1)
Bissexual	3,5 (4)
Habilitações Literárias	
12º ano	20,4 (23)
Licenciatura	60,2 (68)
Mestrado	15,0 (17)
Doutoramento	0,9 (1)
Outra	3,5 (4)

A análise descritiva das pontuações obtidas nas escalas NEO-FFI e QVA e respetivas dimensões encontram-se representadas na Tabela 5.

A amostra registou elevados níveis de Amabilidade (M = 33,5; DP = 5,1) e de Conscienciosidade (M = 34,9; DP = 6,3). As dimensões relativas ao Neuroticismo (p = 0.200) e Conscienciosidade (p=0.200) registaram uma distribuição normal. O mesmo não

se verificou para as dimensões relativas à Extroversão ($p = 0.039$), Abertura à experiência ($p = 0.012$) e Amabilidade ($p = 0.011$).

As pontuações médias mais elevadas na escala QVA foram registadas ao nível da Confiança ($M = 32,6$; $DP = 3,6$) e da Dependência ($M = 22,2$; $DP = 6,0$). Nenhuma das dimensões da escala QVA apresentou uma distribuição normal.

Tabela. 5 | Distribuição das pontuações totais das escalas aplicadas.

Escala	Estatística descritiva				Normalidade			
	Média	Desvio-padrão	Mínimo	Máximo	Assimetria	Curtose	Estatística K-S	Valor P
NEO-FFI								
Neuroticismo	25,5	7,8	8,0	45,0	0,103	-0,237	0,070	0.200
Extroversão	29,7	4,9	18,0	41,0	0,155	-0,686	0,086	0.039
Abertura à experiência	29,9	6,3	16,0	46,0	0,149	-0,537	0,096	0.012
Amabilidade	33,5	5,1	12,0	44,0	-0,754	1,855	0,097	0.011
Conscienciosidade	34,9	6,3	18,0	48,0	-0,299	-0,110	0,063	0.200
QVA								
Confiança	32,6	3,6	18,0	36,0	-1,637	3,381	0,167	<0.001
Dependência	22,2	6,0	9,0	34,0	-0,224	-0,827	0,090	0.025
Evitamento	12,0	4,0	6,0	27,0	1,004	1,358	0,143	<0.001
Ambivalência	15,0	5,7	7,0	41,0	1,369	3,434	0,112	0.001

K-S, Kolmogorov-Smirnov; NEO-FFI, NEO-Five Factor Inventory; QVA, Questionário de Vinculação Amorosa.

Embora não sejam significativos os valores referentes à normalidade da amostra para a maioria das variáveis em análise, dado que os valores de assimetria e curtose são inferiores a 3 e a 10, respetivamente, manteve-se uma abordagem paramétrica aos dados, por não se verificarem desvios acentuados das distribuições das variáveis face à distribuição normal (Kline, 2011).

Na tabela 6 observam-se as pontuações obtidas nos vários domínios da personalidade da escala NEO-FFI no presente estudo e no estudo de validação à população portuguesa. Constatam-se valores bastante semelhantes entre ambos.

Tabela 6. Comparação das pontuações nas cinco dimensões de personalidade do NEO-FFI no presente estudo e no estudo de validação

Dimensões	Pontuações nas cinco dimensões de personalidade do NEO-FFI do presente estudo e do estudo de validação	
	PE	EN
Neuroticismo	25,5	23,92
Extroversão	29,7	29,55
Abertura à Experiência	29,9	27,54
Amabilidade	33,5	32,49
Conscienciosidade	34,9	34,26

PE, Presente Estudo; EN, Estudo Normativo

As dimensões que avaliam a qualidade de vinculação ao par amoroso (Escala QVA) permitiram determinar os tipos de padrão de vinculação amorosa (seguro, preocupado, amedrontado e desinvestido), de acordo com o modelo de *Bartholomew* (Bartholomew & Horowitz, 1991) (Tabela 7).

Assim sendo, observa-se no *cluster* 1 o segundo grupo de indivíduos menos ambivalente, e com graus moderados de dependência, evitamento e confiança, parecendo corresponder, portanto, ao protótipo de vinculação segura.

O *cluster* 2, representativo do tipo de vinculação desinvestido, congrega os sujeitos com valores mais baixos de confiança e mais elevados de evitamento, indicando precisamente a desvalorização das relações e a existência de um modelo negativo acerca do outro. É igualmente o grupo que apresenta os valores mais reduzidos de dependência.

No *cluster* 3 verificam-se valores de dependência mais elevados comparativamente aos demais grupos, e valores de evitamento simultaneamente mais baixos. Aqui incluem-se os sujeitos que têm uma atitude de maior confiança no outro enquanto figura de

vinculação (Matos et al., 2001). Estes valores parecem corresponder ao protótipo de vinculação preocupada.

Por último, o *cluster* 4, apresenta valores baixos na dimensão de confiança e elevados nas dimensões de dependência e de evitamento. Parece assim evidenciar a dinâmica relacional do protótipo amedrontado, “pautado pelo desejo de intimidade explicado pelos valores de dependência, mas igualmente pelo medo de intimidade ou proximidade emocional, indicado pelos valores de evitamento” (Matos et al., 2001).

Os níveis médios de Confiança, Evitamento e Ambivalência diferiram significativamente entre os padrões de vinculação amorosa, exceto entre os *clusters* Seguro e Preocupado. Os níveis médios de Dependência foram significativamente diferentes entre os padrões de vinculação, mas não entre o par Preocupado e Amedrontado.

Tabela 7. Clusters da escala QVA e comparação multivariada entre pares de padrões de padrão de vinculação amorosa.

Fatores/ Padrões de Vinculação	Padrão de Vinculação Amorosa, média e DP							
	Seguro (N = 37)		Desinvestido (N = 20)		Preocupado (N = 43)		Amedrontado (N = 12)	
	Média	DP	Média	DP	Média	DP	Média	DP
Confiança	33,7 ^a	2,3	30,8 ^b	3,3	34,2 ^a	1,3	26,6 ^c	4,2
Dependência	19,2 ^a	3,1	14,3 ^b	3,1	27,3 ^c	2,2	25,5 ^c	4,2
Evitamento	11,3 ^a	2,1	17,2 ^b	4,1	9,6 ^a	2,9	13,7 ^c	3,1
Ambivalência	13,5 ^a	3,1	18,5 ^b	3,1	11,7 ^a	2,1	25,1 ^c	6,2

Diferentes letras identificam diferenças significativas das pontuações da escala QVA entre diferentes padrões de vinculação amorosa à significância estatística de $p < 0.05$, de acordo com o testes *post-hoc* executados.

DP, desvio-padrão; QVA, Questionário de Vinculação Amorosa.

Gráfico 1. Representação gráfica dos *clusters*

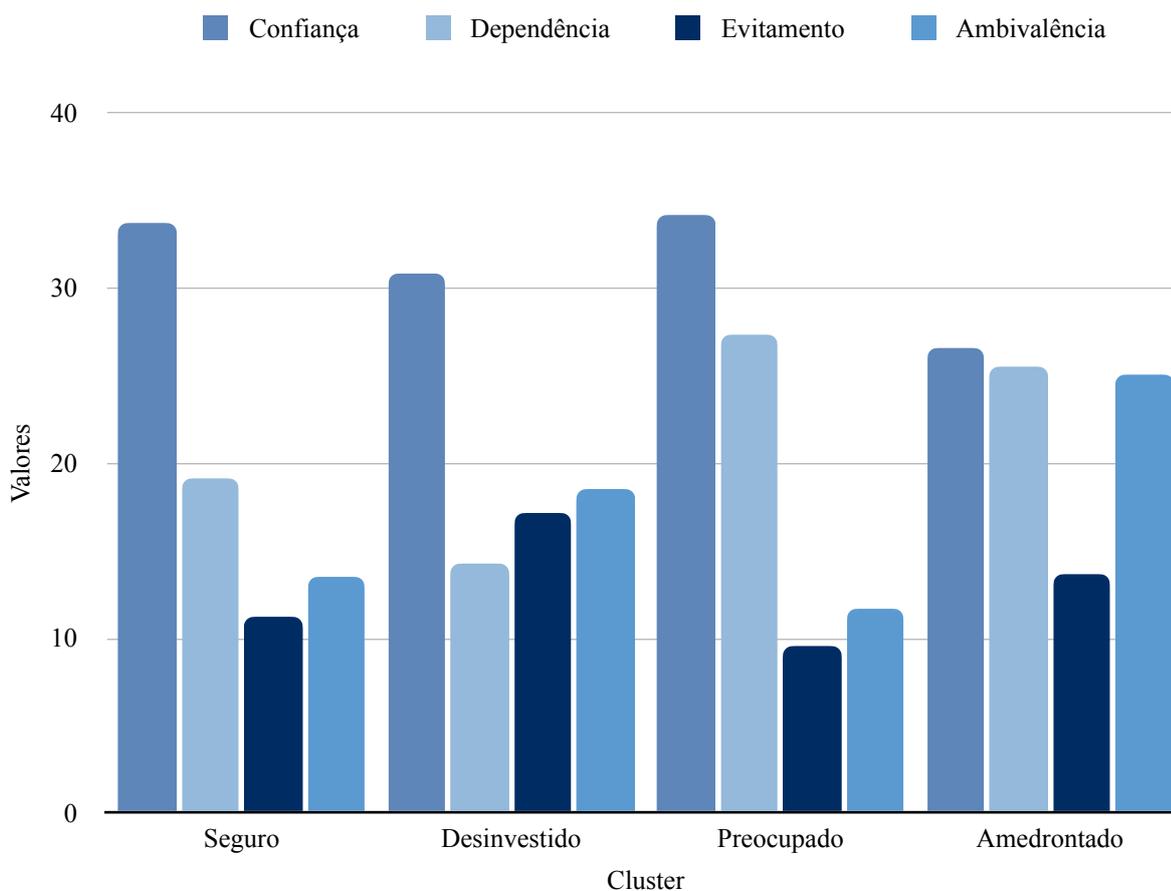


Tabela 8. Comparação de clusters do QVA no presente estudo e no estudo de validação da escala

Fatores/ Padrões de Vinculação	Clusters do QVA do presente estudo e do estudo de validação							
	Seguro		Desinvestido		Preocupado		Amedrontado	
	PE	EN	PE	EN	PE	EN	PE	EN
N	37	93	20	15	43	145	12	112
Confiança	33,7	-	30,8	-	34,2	-	26,6	-
Desconfiança*	-	16,94	-	34,93	-	15,95	-	22,42
Dependência	19,2	23,12	14,3	16,53	27,3	34,59	25,5	27,52
Evitamento	11,3	24,47	17,2	37,20	9,6	18,36	13,7	28,25
Ambivalência	13,5	17,70	18,5	22,67	11,7	19,16	25,1	22,95

PE, Presente Estudo; EN, Estudo Normativo

*No estudo normativo é utilizado o fator *Desconfiança* ao invés da *Confiança*

A tabela 8 coloca lado a lado os *clusters* obtidos, quer no estudo de validação da escala QVA, quer na presente investigação.

A Tabela 9 compara os traços de personalidade através das pontuações médias da escala NEO-FFI entre indivíduos com um padrão de vinculação amorosa segura (n= 37) e insegura (n= 76). Os participantes que foram classificados com um padrão de vinculação amorosa Preocupado, Amedrontado e Desinvestido foram incluídos no grupo “Inseguro”. Os indivíduos Seguros apresentaram níveis médios de Extroversão (M= 31,3; DP= 5,3) e de Amabilidade (M= 34,9; DP= 4,7) significativamente mais elevados em relação aos indivíduos Inseguros (M= 28,9; DP= 4,5 e M= 32,8; DP= 5,2; respetivamente). Os traços de Neuroticismo, Abertura à Experiência e Conscienciosidade apresentaram uma distribuição semelhante entre os grupos.

Tabela 9. Comparação dos traços da personalidade entre tipos de vinculação amorosa

NEO-FFI	Tipo de Vinculação Amorosa, média e DP				Valor P
	Seguro (N =37)		Inseguro (N = 76)		
	Média	DP	Média	DP	
Neuroticismo	24,8	8,1	25,9	7,6	0.468
Extroversão	31,3	5,3	28,9	4,5	0.011
Abertura à experiência	31,0	6,2	28,3	6,3	0.203
Amabilidade	34,9	4,7	32,8	5,2	0.038
Conscienciosidade	35,7	7,3	34,6	5,8	0.382

DP, desvio-padrão; NEO-FFI, *NEO-Five Factor Inventory*.

A Tabela 10 compara os traços de personalidade (Escala NEO-FFI) entre diferentes padrões de vinculação amorosa. Registraram-se diferenças significativas face à Extroversão ($F= 2,8$; $p= 0.045$), Abertura à experiência ($F= 4,4$; $p= 0.006$) e à Amabilidade ($F= 3,4$; $p= 0.021$) entre os diferentes padrões de vinculação amorosa.

Os níveis médios de Abertura à Experiência nos indivíduos Desinvestidos foram significativamente superiores aos dos indivíduos Amedrontados ($p= 0.001$), mas não se verificaram diferenças significativas entre os restantes pares de padrões de vinculação amorosa. Por fim, os níveis médios de Amabilidade foram significativamente superiores nos indivíduos Seguros em relação aos Amedrontados ($p= 0.015$), mas não entre os restantes *clusters*.

Tabela 10. Comparação dos traços da personalidade entre padrões de vinculação amorosa

NEO-FFI	Padrão de Vinculação Amorosa, média e DP								Valor P
	Seguro (N= 37)		Desinvestido (N= 20)		Preocupado (N= 43)		Amedrontado (N= 12)		
	Média	DP	Média	DP	Média	DP	Média	DP	
Neuroticismo	24,8	8,1	26,3	8,8	24,3	6,9	30,8	6,2	0.054
Extroversão	31,3	5,3	28,8	4,3	29,3	4,7	27,4	3,9	0.045
Abertura à experiência	31,0	6,2	30,0 ^a	5,7	28,8	6,3	26,1 ^a	4,9	0.006
Amabilidade	34,9 ^b	4,7	32,7	7,3	33,7	3,9	30,0 ^b	4,5	0.021
Conscienciosidade	35,7	7,3	33,7	5,5	35,4	6,3	33,1	4,0	0.452

Diferentes letras identificam pares de diferenças significativas das pontuações da escala NEO-FFI entre diferentes padrões de vinculação amorosa à significância estatística de $p<0.05$ de acordo com o teste *post-hoc* executado.

DP, desvio-padrão.

Na tabela 11 encontram-se correlacionadas as escalas NEO-FFI e QVA, quer entre si, quer uma com a outra, nas suas várias componentes.

No que concerne à escala NEO-FFI isoladamente, observam-se correlações significativas negativas entre o Neuroticismo e Extroversão (-.385), e entre o Neuroticismo e Conscienciosidade (-.220), e correlações significativas positivas entre a Extroversão e a Amabilidade (.293), Extroversão e Conscienciosidade (.420), Abertura à Experiência e Amabilidade (.245), e Amabilidade e Conscienciosidade (.393).

Na escala QVA, por sua vez, correlacionam-se significativa e negativamente a Confiança e o Evitamento (-.392), Confiança e Ambivalência (-.618), e Dependência e Evitamento (-.484). Significativa e positivamente, correlacionam-se o Evitamento e a Ambivalência (.448).

Analisando as correlações significativas entre escalas, constatamos algumas negativas: Extroversão e Dependência (-.185), Extroversão e Ambivalência (-.277), Abertura à Experiência e Dependência (-.277), Amabilidade e Evitamento (-.392), Amabilidade e Ambivalência (-.315), Conscienciosidade e Evitamento (-.256), Conscienciosidade e Ambivalência; e outras positivas: Neuroticismo e Ambivalência (.377), Extroversão e Confiança (.185), Amabilidade e Confiança (.203), Conscienciosidade e Confiança (.208).

Tabela 11. Correlações entre as dimensões do NEO FFI, os fatores do QVA e das escalas entre si

Correlações entre as dimensões do NEO FFI e as fatores do QVA									
	Neuroticismo	Extroversão	Abertura à Experiência	Amabilidade	Conscienciosidade	Confiança	Dependência	Evitamento	Ambivalência
Neuroticismo	1	-0,385*	0,082	-0,102	-0,220*	-0,148	0,084	0,056	0,377*
Extroversão	-0,385*	1	-0,036	0,293*	0,420*	0,187*	-0,185*	-0,123	-0,277*
Abertura à experiência	0,082	-0,036	1	0,245*	0,078	0,074	-0,277*	0,092	0,011
Amabilidade	-0,102	0,293*	0,245*	1	0,393*	0,203*	-0,118	-0,396*	-0,315*
Conscienciosidade	-0,220*	0,420*	0,078	0,393*	1	0,208*	-0,124	-0,256*	-0,241*
Confiança	-0,148	0,187*	0,074	0,203*	0,208*	1	0,148	-0,392*	-0,618*
Dependência	0,084	-0,185*	-0,277*	-0,118	-0,124	0,148	1	-0,484*	-0,144
Evitamento	0,056	-0,123	0,092	-0,396*	-0,256*	-0,392*	-0,484*	1	0,448*
Ambivalência	0,377*	-0,277*	0,011	-0,315*	-0,241*	-0,618*	-0,144	0,448*	1

*Correlação significativa a um nível de significância de 0,05

Discussão

Ao longo do presente estudo procurou-se perceber a natureza da relação entre os traços de personalidade e os tipos de vinculação.

Um aspeto inicial positivo que se afigura relevante referir é a aproximação das médias obtidas para cada uma das dimensões das escalas NEO-FFI, às médias do estudo normativo. De facto, o presente estudo revelou médias bastante equivalentes ao estudo de validação para a população portuguesa (Tabela 6). O mesmo podemos afirmar relativamente aos valores de cada fator do QVA para os quatro *clusters* definidos e os *clusters* do estudo de base dos autores (Tabela 8).

Relativamente à hipótese “*Indivíduos com maiores níveis de Neuroticismo apresentam uma Vinculação Insegura: Amedrontada, Preocupada ou Desinvestida*”, observamos que, de facto, os padrões de vinculação insegura, apresentam valores mais elevados de Neuroticismo — Desinvestido (M= 26,3), Preocupado (M= 24,3), Amedrontado (M= 30,8) — comparativamente ao grupo de indivíduos Seguros (M= 24,8), no entanto, estas diferenças não se revelaram significativas ($p= 0,054$), quando analisados separadamente. Quando agrupamos a totalidade de indivíduos dos grupos Desinvestido, Preocupado e Amedrontado sob a categoria de sujeitos Inseguros e os comparamos apenas com os sujeitos do grupo Seguro, verificamos, mais uma vez, que os últimos apresentam valores mais baixos na escala de Neuroticismo (M= 24,8), comparativamente aos demais (M= 25, 9), contudo, a diferença observada não apresenta significância estatística ($p= 0,468$), pelo que a hipótese em questão é, deste modo, infirmada.

No que concerne à hipótese “*Indivíduos Amedrontados, Preocupados ou Desinvestidos têm menores níveis Abertura à Experiência*”, deparamo-nos, desta vez, com a corroboração da mesma. Tanto sujeitos Amedrontados (M= 26,1), como Preocupados (M= 28,8) e Desinvestidos (M= 30,0), apresentam valores estatisticamente significativos inferiores aos obtidos pelos sujeitos Seguros (M= 31,0) ($p= 0,006$). Recorrendo a testes post-hoc a fim de averiguar onde incidiriam as diferenças encontradas, constatámos que a sua proeminência residia essencialmente entre o par Desinvestido e Amedrontado, indo ao encontro das informações encontradas na literatura, onde os sujeitos Desinvestidos apresentavam menor abertura aos sentimentos, uma das facetas da Abertura à Experiência (Shaver & Brennan, 1992).

Importa referir, no entanto, que quando comparados sujeitos Seguros com os sujeitos Inseguros de forma agrupada, diferenças entre Seguros e Inseguros já não mantêm a significância estatística anteriormente verificada ($p= 0,203$), pelo que poderemos considerar a hipótese inicial parcialmente corroborada.

No que diz respeito à Extroversão, observamos que o grupo Seguro ($M= 31,3$) obteve valores significativamente superiores ($p= 0.045$) aos obtidos pelos grupos Desinvestido ($M= 28,8$), Preocupado ($M= 29,3$) e Amedrontado ($M= 27,4$), corroborando, pois, a hipótese “*Indivíduos com Vinculação Amorosa Segura apresentam níveis mais elevados de Extroversão*”, e repetindo, assim, os resultados de estudos prévios (Shaver & Brennan, 1992).

Os indivíduos Seguros obtiveram pontuações de Amabilidade mais elevadas ($M= 34,9$) do que os indivíduos Inseguros ($M= 32,8$), diferença esta que se afigurou estatisticamente significativa, tanto quando os inseguros foram agrupados num único grande grupo ($p= 0,038$), como quando comparados os quatro tipos de vinculação em separado ($p= 0,021$), confirmando, desta feita, a hipótese “*Indivíduos com Vinculação Amorosa Segura apresentam níveis mais elevados de Amabilidade*”. De facto, a investigação precedente demonstra, precisamente, esta superioridade na pontuação da Amabilidade por parte dos sujeitos seguros, comparativamente aos inseguros (Shaver & Brennan, 1992).

Quanto à hipótese “*A Extroversão correlaciona-se positivamente com a Confiança, e negativamente com a Dependência e Ambivalência*”, surge completamente confirmada pelos resultados angariados. Na verdade, a Extroversão correlacionou-se positivamente com a Confiança ($\rho= 0,187$) — correlação esta com significância estatística —, e negativamente com a Dependência ($\rho= -0,185$), e Ambivalência ($\rho= -0,277$), sendo ambas correlações estatisticamente significativa.

De facto, os valores obtidos seriam de prever uma vez que, de sujeitos com maior Extroversão — sujeitos demarcados pelo otimismo, pela sociabilidade e afetividade — esperar-se-ia alto posicionamento no que toca à Confiança, encarando o seu parceiro como responsivo e suficiente para satisfação das suas necessidades; baixas pontuações no que toca à Dependência e Ambivalência, não se pautando pela experiência de medos relativamente à perda, nem por irritabilidade face ao imprevisto, respetivamente.

Semelhantemente no que concerne à hipótese “*O Neuroticismo correlaciona-se negativamente com a Confiança, e positivamente com a Dependência e Ambivalência*”, verificamos concordância entre a mesma e o comportamento das variáveis em causa. Apesar de não ter revelado significância estatística, o Neuroticismo correlacionou-se negativamente com a Confiança ($\rho = -0,148$), e positivamente com a Dependência ($\rho = 0,084$) e Ambivalência ($\rho = 0,377$), sendo esta última estatisticamente significativa.

Estes resultados no geral, convergem com os dados da literatura, sendo previsível que indivíduos com níveis mais altos de Neuroticismo, ou seja, sujeitos mais instáveis emocionalmente e propensos para a experiência de afetos negativos, obtivessem, naturalmente, níveis mais baixos de Confiança, percebendo o parceiro como menos responsivo e capaz de satisfazer as suas necessidades; níveis mais altos de Dependência pautados pela ansiedade de separação e medo da perda; e níveis mais elevados de Ambivalência, caracterizados por irritabilidade face a situações imprevisíveis, e ambiguidade face ao papel desempenhado enquanto figura amorosa.

Ora, atentando para a significância estatística revelada na correlação entre o Neuroticismo e a Ambivalência, afigura-se interessante refletir que, sendo a Ambivalência a componente que engloba sentimentos de insegurança do indivíduo quanto ao papel desempenhado pelo parceiro romântico (Matos et al., 2001), será, de facto, plausível que surja associada positivamente com o Neuroticismo, traço de personalidade que indica instabilidade emocional e propensão para a experiência de afetos negativos (Costa & McCrae, 2000). Estes resultados permitem-nos também inferir que indivíduos com vinculação insegura, pautada pela ambivalência face ao outro, medo da perda, autoestima volátil (Bartholomew & Horowitz, 1991) tenderão a experienciar os fenómenos contemplados pela Ambivalência com maior frequência, comparativamente a sujeitos com vinculação segura.

Olhando para estes resultados à luz das considerações iniciais relativas à Teoria do Esquema vemos que sujeitos com maior Neuroticismo, ou seja, indivíduos com piores considerações acerca de si próprios, maior antecipação de experiências negativas e de ansiedade face ao futuro, são detentores de uma rede de esquemas desadaptativos e negativos que predispõem, à priori, a experiência relacional futura, indo no sentido da confirmação dos esquemas vigentes — esquemas de desconfiança catalisadores de

fenómenos de ambivalência e dependência emocional. De facto, sujeitos mais neuróticos, são sujeitos com menos confiança na relação de vinculação amorosa, relação esta que não se constitui enquanto experiência suficientemente transformadora, com poder modificativo destes esquemas, verificando-se, antes, um processo confirmatório que os perpetua.

Assim sendo, entende-se perfeitamente a previsibilidade das correlações positivas entre Neuroticismo, Dependência e Ambivalência, e das correlações negativas do mesmo com Confiança.

Afigura-se importante refletir igualmente acerca da Extroversão e da Abertura à Experiência, que, assim como o Neuroticismo, condicionam certamente a forma como o indivíduo se envolve, mais ou menos, nas experiências de vida, e como vivencia a relação vinculativa.

Esquemas negativos acerca do *self* e acerca dos outros repercutem-se, também, numa menor Abertura à Experiência e, como tal, numa menor propensão para experiências de vinculação que permitam reverter esquemas disfuncionais.

Assistimos a uma espécie de influência e interligação interdependentes e recíprocas entre Vinculação e Personalidade, uma vez que, se a personalidade é fruto da interação de um conjunto integrado de esquemas acerca de uma multiplicidade de características e estados do eu, permanentemente atualizados ao longo do ciclo vital, o tipo de Vinculação que o indivíduo é capaz de estabelecer com o parceiro amoroso é altamente dependente dos esquemas existentes à priori nesta base de personalidade. Assim sendo, se o sujeito apresenta traços de Neuroticismo acentuados, vivencia, naturalmente, relacionamentos inseguros que reforçam, precisamente, o Neuroticismo que o caracterizava à priori.

Podemos aplicar o mesmo raciocínio no caso de sujeitos com baixo Neuroticismo e elevada Extroversão. Estes indivíduos estão, à partida, mais habilitados para o desenvolvimento de relações de vinculação seguras, experienciando as emoções positivas que lhes são intrínsecas, e mantendo, através do *feedback* confirmatório decorrente, os esquemas que viabilizam os baixos níveis neuróticos e elevados níveis de Extroversão precedentes.

A relação interpessoal sob esta perspetiva adquire um papel fundamental, na medida em que esta pode oferecer uma experiência desconfirmatória quando suficientemente divergente e destoante da experiência passada cristalizada na memória,

podendo, deste modo, alterar os esquemas de base ao nível dos traços de personalidade, permitindo, conseqüentemente, o estabelecimento à posteriori de um tipo de vinculação diferente à que caracterizava os relacionamentos passados do indivíduo. Esta experiência de vinculação, por sua vez, vai igualmente atualizando os esquemas recorrentemente e alterando, pouco a pouco, estruturas da personalidade que já não encontram sustentação na experiência empírica quotidiana.

Assim sendo, experiências de vida mais ricas constituem-se como verdadeiras oportunidades para o desenvolvimento de esquemas mais adaptativos relativos a características pessoais e relacionais, influenciando, deste modo, a relação do sujeito consigo e com as suas relações de vinculação.

Conclusão

Esta investigação tinha como principal preocupação a análise das relações existentes entre os traços de personalidade e tipos de vinculação amorosa específicos, objetivo esse que foi concluído com sucesso.

A relação entre estas duas grandes variáveis da vivência humana, mutuamente permeáveis, foi apreendida e devidamente dissecada.

Além de uma amostra de boas dimensões, e aproximação das médias obtidas para cada uma das dimensões dos instrumentos aos estudos normativos, os resultados vieram corroborar, na sua grande maioria, os dados desenvolvidos no corpo de investigação da área.

A abordagem eclética, inclusiva de várias teorias para o entendimento das temáticas em causa — Teoria dos Big Five, a Teoria da Vinculação e a Teoria do Esquema — é mais um dos pontos que acrescenta valor a este estudo, pelo olhar holístico que permitiu desenvolver sobre a vivência emocional, afetiva e cognitiva do sujeito.

O presente estudo apresenta, contudo, algumas limitações.

Inicialmente, importa referir o facto de ter sido angariada uma amostra por conveniência ao invés de terem sido utilizados os devidos meios de randomização, o que levanta, à priori, questionamentos acerca da possibilidade de generalização dos seus resultados.

Outra limitação reside na falta de homogeneidade dos grupos etários, sendo que, apesar de serem compreendidos indivíduos dos 20 aos 50 anos, a maioria dos respondentes situa-se na faixa etária dos 20 aos 30, pelo que ilações a respeito das idades mais avançadas contempladas nesta investigação ficam, naturalmente, comprometidas.

Outro aspeto importante a considerar nesta discussão, é, precisamente, o peso da desejabilidade social nos participantes. Não obstante, a amostra deste estudo não parece ter sido afetada particularmente por este efeito, uma vez que a generalidade dos resultados vão ao encontro da literatura.

A repetir o estudo, julga-se um acréscimo positivo a utilização de uma escala de vinculação adulta e não somente uma escala de vinculação amorosa, a fim de verificar a congruência de resultados entre escalas.

Para finalizar, realçar o ênfase que este estudo coloca em dois domínios absolutamente decisivos e relevantes da vivência humana e para o tópico da saúde mental no geral: a personalidade e as relações de vinculação românticas.

De facto, constatamos a importância de considerar estas duas componentes do ponto de vista clínico, a fim de, como futuros psicoterapeutas, alcançar uma melhor e mais profunda compreensão do funcionamento do sujeito e dos seus vínculos emocionais proeminentes, para potenciar a eficácia e pertinência das intervenções futuras.

Referências Bibliográficas

- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., & Waters, E. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Hillsdale: Erlbaum.
- Aristóteles. (2003). *Política*: Martin Claret.
- Alavi, M., Alahdad, R., & Shafeq, S. M. (2013). Mate selection criteria among postgraduate students in Malaysia. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 116 (2014), 5075 – 5080.
- Baldwin, M.W. (1992). Relational schemas and the processing of social information. *Psychological Bulletin*, 112, 461–484.
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: a test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61(2), 226–244. doi:10.1037/0022-3514.61.2.226.
- Beck, A. T., Steer, R. A., & Epstein, N. (1992). Self-concept dimensions of clinically depressed and anxious outpatients. *Journal of Clinical Psychology*, 48, 423–432.
- Bowlby, J. (1982). *Attachment and loss, Vol. 1.: Attachment*. New York, NY: Basic Books (Original work published 1969).
- Bowlby, J. (1984). *O apego, 1. Triologia apego e perda*.
- Busuito, A., Huth-Bocks, A., & Puro, E. (2014). *J Fam Viol* 29, 567–577. doi:10.1007/s10896-014-9611-8
- Costa, M. E. (2005). *À Procura de Intimidade*: Edições Asa.

- Deniz, M. E. (2011). An Investigation of Decision Making Styles and the Five-Factor Personality Traits With Respect To Attachment Styles
- Guzmán-González, ó., Rivera-Ottenberger, D., Brassard, A., Spencer, R., & Lafontaine, M.-F. (2020). Measuring adult romantic attachment: psychometric properties of the brief Spanish version of the experiences in close relationships. *Psicologia: Reflexão e Crítica volume, 33*.
- Harré, R., & Lamb, R. (1986). *The Dictionary of Personality and Social Psychology*: The MIT Press.
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *J. Pers. Soc. Psychol. 52, 511*. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.52.3.511>.
- Hazan, C., & Shaver, P. R. (1990). Love and work: An attachment theoretical perspective. *Journal of Personality and Social Psychology, 59, 270-280*.
- Kline, R. B. (2011). Principles and Practice of Structural Equation Modeling (3rd ed.). New York: The Guilford Press.
- Ribeiro, I. s. G. B. (2010). *Vinculação aos pais e Vinculação Amorosa em Casais Portugueses*. (Masters), Instituto Superior de Psicologia Aplicada
- Matos, P. M., Barbosa, S., & Costa, M. E. (2001). Avaliação da vinculação amorosa em adolescentes e jovens adultos: Construção de um instrumento e estudos de validação* The Romantic Attachment Questionnaire: Development and validation studies. *RIDEP, 11(1)*.
- Matos, P. M., Cabral, J., & Costa, M. E. (2008). Questionário de vinculação amorosa - versão breve. Manuscrito não publicado. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Magalhães, E., Salgueira, A., Gonzalez, A.-J., Costa, J. J., Costa, M. J., Costa, P., & Lima, M. P. (2014). NEO-FFI: Psychometric properties of a short personality inventory in Portuguese context. *Psychology/Psicologia Reflexão e Crítica*, *27*(4), 642–657. doi: 10.1590/1678-7153.201427405

McCrae, R. R., & Costa, P. (2000). NEO PI-R Inventário de Personalidade Revisto.

Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2009). An attachment and behavioral systems perspective on social support. *Journal of Social and Personal Relationships*, *26*, 7–19. <https://doi.org/10.1177/0265407509105518>.

Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2016). Attachment in adulthood: Structure, dynamics, and change, (2nd ed.,). New York, NY: The Guilford Press.

Norman, D. A. (1986). Reflections on cognition and parallel distributed processing. In J. McClelland, D. Rumelhart and the PDP Research Group (Eds.). *Parallel distributed processing: Explorations in the microstructure of cognition. Volume 2: Psychological and biological models*. Cambridge: MIT Press.

Noftle, E. E., & Shaver, P. R. (2006). Attachment dimensions and the big five personality traits: Associations and comparative ability to predict relationship quality. *Journal of Research in Personality*, *40*(2), 179–208. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2004.11.003>.

Pervin, L. A., Cervone, D., & John, O. P. (2005). *Personality: Theory and research*. Hoboken, NY: John Wiley & Sons.

Seiffge-Krenke, I. (2003). Testing theories of romantic development from adolescence to young adulthood: Evidence of a developmental sequence. *International Journal of Behavioral Development*, *27*, 519–531. <http://dx.doi.org/10.1080/01650250344000145>

Shaver, P. R., & Brennan, K. A. (1992). Attachment style and the big five personality traits: Their connection with romantic relationship outcomes. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 18, 536–545.

Stern, D. (1985). *The interpersonal world of the infant: A view from psychoanalysis and developmental psychology*. New York: Basic Books.

Wiggins, J. S. & Trobst K. K. (1998). Principles of Personality Assessment. In Bellack, A. & Hersen M., *Comprehensive Clinical Psychology*. Vol. 4. New York: Elsevier Science Ltd

Anexos

Anexo I | Consentimento informado

Estimado(a) participante,

O presente questionário surge no âmbito do projeto final de investigação da estudante Andreína Nunes, sob orientação do Professor Doutor Abel Pires, para obtenção do grau de mestre em Psicologia, pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

O estudo pretende averiguar a existência de potenciais relações entre traços de personalidade específicos e diferentes tipos de vinculação estabelecidos com o parceiro romântico.

Para o devido efeito, solicita-se encarecidamente o preenchimento deste questionário por pessoas entre os 20 e 50 anos de idade, e que se encontrem, atualmente, num relacionamento amoroso.

É fundamental que seja o mais honesto possível nas suas respostas, lembrando que a sua participação é completamente anónima, não sendo possível, de todo, identificar o participante. Não existem respostas certas nem erradas, por isso responda sempre de acordo com o que realmente pensa, sente e faz, e não de acordo com o que acha que deveria pensar, sentir ou fazer, de modo a garantir a fidedignidade dos resultados.

A sua participação é voluntária e totalmente confidencial, não sendo pedida identificação a fim de assegurar o anonimato. Os dados recolhidos serão tratados de forma agrupada, não sendo identificadas respostas a nível individual, e serão utilizados unicamente no contexto desta investigação.

Poderá interromper a sua participação em qualquer momento.

O tempo médio de resposta é de aproximadamente 15 minutos.

Ao avançar, consente a sua participação e o tratamento de dados sob as condições acima descritas.

Anexo II | Questionário Sociodemográfico

1. Ano de Nascimento:

2. Naturalidade:

3. Nacionalidade:

4. Distrito de Residência:

5. Género:

- Feminino
- Masculino
- Prefiro não especificar
- Outro:

6. Orientação Sexual

- Heterossexual
- Homossexual
- Bissexual
- Outro:

7. Habilitações Literárias

- 12º ano
- Licenciatura
- Mestrado
- Doutoramento
- Outro:

8. Profissão:

Anexo III | Autorização de utilização do NEO-FFI

Pedido de Autorização



Margarida Lima <mplima@fpce.uc.pt>

ter, 21/04/2020 22:24

Para: Andreina da Silva Nunes <up201505853@fpce.up.pt>



[4 anexos \(1 MB\)](#) [Transferir tudo](#) [Guardar tudo no OneDrive - Universidade do Porto](#)

Cara Andreina,
Agradeço o interesse manifestado no NEO-FFI para utilização nos seus trabalhos de investigação,
Envio em anexo o instrumento e respectivos materiais.
Votos de sucesso
Margarida

Anexo IV | Autorização de utilização do QVA



AUTORIZAÇÃO

Declaro que autorizo a estudante Andreina da Silva Nunes a utilizar o instrumento *Questionário de Vinculação Amorosa (QVA, versão breve, Paula Mena Matos, Joana Cabral & Maria Emília Costa, 2008, para jovens e para adultos)* para a realização de estudo acerca das *Relações entre a personalidade e a escolha do parceiro amoroso*, no âmbito da Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia, sob a orientação do Professor Doutor Abel Pires, e a decorrer na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Porto, 18 de outubro de 2019

Prof. Dra Paula Mena Matos

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
da Universidade do Porto
Rua Alfredo Allen
P-4200-135 Porto-Portugal
Telef. 351 22 6079778/05
Fax 351 22 6079727
email: pmmatos@fpce.up.pt